

CARTOGRAFIA TÁTIL E INCLUSÃO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Mariana Amorim de Arruda Silva¹
Lívia Thaysa Santos de Albuquerque Gama²
Lívia Couto Guedes³
Danielle Oliveira da Nóbrega⁴
Jacqueline Praxedes de Almeida⁵

RESUMO

Compreendemos o ato educativo como meio de desenvolvimento cultural do sujeito, partindo do pressuposto de que a aprendizagem precede o desenvolvimento e que as atividades experienciadas no campo social, que compõem o plano interpsicológico, impactam objetivamente no desenvolvimento psíquico, no campo intrapsicológico (Vigotski, 2009, 2022). Dessa maneira, o presente relato é fruto de um recorte de oficina desenvolvida em uma turma de licenciandos em Pedagogia matriculados em Atividades Curriculares de Extensão (ACE), na Universidade Federal de Alagoas (UFAL)/*Campus* de Arapiraca, como parte do processo de estágio de docência associado ao Programa de Pós-graduação em Ensino e Formação de Professores (PPGEFOP/UFAL). A oficina proporcionou trocas e discussões bastante pertinentes para a reflexão sobre a inclusão de indivíduos cegos e com baixa visão na sociedade, com especial destaque em escolas públicas regulares de Educação Básica. De forma geral, neste trabalho buscamos refletir sobre a Cartografia Tátil como uma ferramenta metodológica de acessibilidade comunicacional para o ensino de Geografia a pessoas com deficiência visual, bem como discutir sobre como o ensino de seus conteúdos curriculares costuma ocorrer nos anos iniciais da Educação Básica, considerando pressupostos teórico-metodológicos da educação inclusiva. Para tanto, tomamos como base uma experiência desenvolvida em oficina destinada a licenciandos em Pedagogia e comunidade extensionista, de modo a problematizar a importância de tais conteúdos e abordagens junto à formação inicial e continuada. Norteados a discussão, buscamos abarcar alguns conceitos elementares da Cartografia Tátil, pensando na inclusão da pessoa com deficiência visual dentro do contexto formal da escola regular. Por fim, as experiências adquiridas através da Oficina foram muito ricas e cumpriram o seu papel de contribuição para a formação inicial dos discentes envolvidos, bem como para a sensibilização dos participantes em geral, fortalecendo os princípios da Educação Inclusiva.

Palavras-chave: Cartografia Tátil, Formação de Professores, Inclusão.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação de Professores, Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca, mariana.arruda@arapiraca.ufal.br ;

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino e Formação de Professores, Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca, livia.gama@igdema.ufal.br ;

³ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Alagoas (PPGE/Ufal). Professora do curso de Licenciatura em Pedagogia da Ufal/*Campus* de Arapiraca e do Núcleo Pedagógico de outras seis licenciaturas. Coordenadora do Projeto de Pesquisa e Extensão “Tiflogia: incursões pedagógicas para o ensino e a aprendizagem de estudantes cegos/as”. E-mail: livia.guedes@arapiraca.ufal.br;

⁴ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora do Centro de Educação da UFRN. E-mail: dani.nobrega@gmail.com ;

⁵ Doutora em Educação pela Universidade de Évora. Professora do curso de Licenciatura em Geografia, IGDEMA/UFAL e do Programa de Pós-graduação em Ensino e Formação de Professores, UFAL, Campus Arapiraca. E-mail: jacqueline@igdema.ufal.br

INTRODUÇÃO

Atualmente, as discussões sobre educação inclusiva têm emergido nos cotidianos escolares e, conseqüentemente, nos espaços de formação inicial e continuada de professores. Apesar dessa efervescência de discussões atuais, sabemos que a perspectiva inclusiva se inicia na década de 1990 através do movimento de Educação Para Todos (Jomtien, 1990), e que já tem um repertório legal/jurídico que embasa a educação brasileira, desde a primeira Lei Brasileira da Educação Nacional, de nº 4.024/1961 (Brasil, 1961), até a mais recente legislação nacional sobre o assunto, a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - nº 13.146 (Brasil, 2015).

Historicamente, a pauta dos direitos fundamentais e sociais das pessoas com deficiência passou por diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, sendo considerada de acordo com o entendimento contextual das sociedades, em cada momento conceitual, o que fez variar a forma como eram conduzidas as discussões relativas à sua inserção como estudantes, por exemplo, em escolas especiais ou regulares.

Especialmente quando se trata do público composto por pessoas cegas e com baixa visão, contudo, Leão e Sofiato (2019) afirmam haver, ainda, a necessidade do fortalecimento de determinadas discussões, dadas as especificidades deste público e os desafios que se impõem para a sua escolarização.

Historicamente, no Brasil, o surgimento de políticas e espaços formativos aos sujeitos com deficiência visual começou por volta do ano de 1827. Porém, os primeiros indícios de uma tentativa de consolidação formal deste processo só veio a culminar com a abertura do Imperial Instituto dos Meninos Cegos (atualmente conhecido como Instituto Benjamin Constant), no ano de 1854, na cidade do Rio de Janeiro.

É preciso salientar, no entanto, que o movimento da própria sociedade relacionado às pessoas cegas partia da fundamentação em torno dos estigmas relacionados à falta do sentido da visão, o que repercutiu na patologização da deficiência visual como condição biológica que determinava as suas possibilidades de desenvolvimento.

Em contraste com este entendimento, concordamos com Vigotski (2022) quando aponta que “[...] a cegueira é um estado normal e não patológico para a criança cega, e é sentida por ela apenas indiretamente, secundariamente, como resultado de sua experiência social refletida sobre si mesma” (Vigotski, 2022, p. 117).

Como consequência, diante de tal contexto estigmatizante, compreendemos que é na formação inicial de professores que se torna possível a elaboração de uma perspectiva

inclusiva, pautada na reflexão crítica capaz de construir experiências de sensibilização voltadas ao desvelamento e à quebra das barreiras atitudinais que, por sua natureza, nem sempre se apresentam de forma tão explícita, mas estão na base e na profundidade das demais barreiras (Guedes, 2007).

Assim, ao longo do processo de construção e desenvolvimento da Oficina em tela, fomos provocadas a discutir sobre alguns conceitos geográficos, pensando o currículo escolar dos anos iniciais do ensino fundamental, tendo em vista a formação polivalente do profissional licenciado em Pedagogia, e considerando as acessibilidades que deveriam nortear a inclusão plena dos indivíduos escolares com deficiência visual.

Como um dos conteúdos curriculares elementares desta área do conhecimento, temos a Cartografia, que é uma ciência fundamental para a leitura de mapas e a representação do espaço; além da Cartografia Tátil, que passa a ser uma alternativa metodológica acessível, necessária e efetiva para o alcance dos objetivos de aprendizagem daqueles estudantes com deficiência visual que inclusive no ensino da Geografia, sua importância se dá a partir da necessidade dos alunos com baixa visão e deficiência visual de compreensão da representação do espaço geográfico. Compreende-se nesse sentido, que “aprender a se orientar no espaço geográfico, assim como ler mapas e saber utilizá-los como uma representação espacial que se utiliza de uma linguagem específica é essencial para a formação do cidadão autônomo” (Carmo, 2019, p. 130-131).

Nesse sentido, consideramos que, além de a Cartografia Tátil se constituir semioticamente como linguagem acessível, atende às demandas de aprendizagem de estudantes com e sem deficiência visual, o que a torna ferramenta de tecnologia assistiva capaz de contribuir para o processo de sensibilização de todos os estudantes, visto que a escola é um espaço diverso e a inclusão deve ser um dos pilares fundamentais do processo de ensino e aprendizagem.

Este artigo, portanto, apresenta a Cartografia Tátil como um ramo da Cartografia, que é responsável pela adaptação de materiais, a exemplo de mapas e maquetes para alunos cegos e com baixa visão, podendo ser compreendida como recurso acessível e, portanto, inclusivo, para a educação geográfica.

Diante do exposto, aqui discutiremos sobre o ensino da ciência geográfica nas séries iniciais da Educação Básica, considerando o processo formativo do profissional de Pedagogia e as possíveis lacunas e fragilidades identificadas em sua formação inicial, o que sugere, portanto, sua inclusão na oferta das formações continuadas.

O mesmo ocorre quando relacionamos a educação inclusiva à formação de professores, pois entendemos que, apesar de se tratar de uma proposta que vem sendo trabalhada tanto nas universidades quanto no espaço escolar, concluímos que se faz necessário o aprofundamento e a efetivação de sua prática, nos processos de ensino.

No decorrer do texto, será apresentada e discutida uma proposta de intervenção em uma disciplina da graduação da Licenciatura em Pedagogia, cadastrada em seu currículo formal como uma Ação Curricular de Extensão (ACE), intitulada: “Tiflologia: incursões pedagógicas para o ensino e a aprendizagem de estudantes cegas/os”. Sob o título de “*Oficina de Introdução à Cartografia Tátil*”, de forma geral, a oficina objetivou refletir sobre os conceitos elementares da Cartografia Tátil, pensando na pessoa com deficiência visual como sujeito em formação incluída no contexto regular de ensino.

A realização da oficina, com 3 horas de duração, se refletiu em um rico momento de sensibilização e de aproximação conceitual dos licenciandos em Pedagogia (matriculados no 6º período do curso) e também dos outros participantes com e sem deficiência visual, que assistiram ao evento como público da extensão universitária, com conteúdos importantes relativos à educação inclusiva e, mais especificamente ao universo da Tiflologia, em sua relação com aprendizagens geográfica/cartográficas remetidas à Educação Infantil e aos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Assim é que, nos tópicos a seguir, apresentaremos a Cartografia Tátil como um recurso metodológico acessível de apoio ao planejamento didático, ensino e aprendizagem inclusivos para o ensino de geografia, no contexto regular que relaciona pessoas cegas e com baixa visão àqueles considerados normovisuais.

O ENSINO DA GEOGRAFIA NAS SÉRIES INICIAIS

A Geografia faz parte dos componentes curriculares da educação básica, logo faz-se presente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de forma obrigatória, sendo de fundamental importância o ensino dos conteúdos pertinentes, considerando as necessidades dos estudantes de cunho geográfico e cartográfico. Nesse sentido, a Cartografia é uma ciência que aborda o estudo e a produção de mapas, sendo definida como uma linguagem, compreendida em códigos de comunicação, que, por sua vez, articula conceitos que permitem caracterizar e ler o espaço geográfico (Castellar, 2010).

A Cartografia, trabalhada no Ensino de Geografia, é considerada uma ciência ampla que não se limita à Geografia, no entanto, além de auxiliar na orientação no espaço e no

deslocamento cotidiano, a Cartografia, em sala de aula, possui a importância de promover a espacialização dos fenômenos apresentados durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Assim, segundo Souza, Dourado e Garcia (2019), Cartografia com ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, promove o “[...] entendimento da totalidade e complexidade dos processos, articulando escalas e promovendo a compreensão do seu próprio espaço [...]” (Souza; Dourado; Garcia, 2019, p. 26). Seu ensino nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental é primordial para que o estudante seja alfabetizado cartograficamente e consiga realizar a leitura de mapas. Nos Anos Iniciais, sua inserção pode ocorrer através da utilização de maquetes táteis, representando os espaços de convivência dos estudantes.

Entretanto, sabe-se que existem carência e fragilidades no processo formativo dos docentes para o Ensino de Geografia, especialmente nos cursos de Pedagogia, em que geralmente os professores que lecionam as disciplinas pedagógicas não possuem formação específica. Conforme Lins e Almeida (2017, p. 200), “Há uma ausência de formação inicial que capacite os professores a desenvolverem uma práxis que atenda à diversidade educativa existente nas salas de aula da Educação Básica”. Essa fragilidade pode prejudicar o ensino e aprendizagem dos envolvidos.

Em se tratando do Ensino de Geografia e a inclusão, destaca-se também que existem lacunas, havendo uma necessidade de investigação de como a inclusão tem sido efetivada no trabalho com a Geografia nos espaços escolares em que há demandas de pessoas com deficiência. “A falta de qualificação adequada dos profissionais da educação para atender a essa parcela da sociedade também gera obstáculos para a inclusão educativa” (Lins; Almeida, 2017, p. 200). No Ensino de Geografia, no que se refere ao processo de alfabetização cartográfica, como metodologia tem-se utilizado a Cartografia Tátil que será discutida adiante.

Portanto, é fundamental considerarmos a premissa proposta por Vigotski de que: “tudo que se desenvolve, desenvolve-se segundo a necessidade” (2022, p. 231). Sendo a Geografia um dos componentes curriculares obrigatórios nos Anos Iniciais, é imprescindível o ensino dos conteúdos elementares de sua matriz, assim como a alfabetização cartográfica a todos os sujeitos, sem distinção, pois só assim, através dessa necessidade real, as pessoas cegas ou com baixa visão poderão de fato desenvolverem as habilidades necessárias para a aprendizagem efetiva desses conceitos. Considerando a necessidade de superação das fragilidades encontradas no processo de formação inicial, e pensadas metodologias inclusivas capazes de garantir a aprendizagem de todos os sujeitos, efetivando-se, o processo de ensino e aprendizagem.

A CARTOGRAFIA TÁTIL COMO METODOLOGIA INCLUSIVA

O processo de educação inclusiva deve ser organizado e estruturado para que todos tenham acesso aos conteúdos curriculares propostos à turma/ano. Dessa maneira, é fundamental que os professores conheçam as possibilidades de adaptações efetivas, ultrapassando a ideia de que adaptar currículo é apenas escolher os conteúdos mais fáceis. É necessário garantir a todos os sujeitos o acesso ao conteúdo. Pensando, então, no campo da geografia e alguns conteúdos que costumam ser mais densos no acesso das pessoas com deficiência visual, destacamos a Cartografia Tátil que, segundo Lins e Almeida (2017, p. 209), “[...] deu a tônica a uma nova forma de se pensar a cartografia de maneira mais abrangente e inclusiva”, bem como um meio possível de acessibilidade e inclusão.

A Cartografia Tátil pode ser entendida como uma via da Cartografia responsável pela elaboração de mapas e de outros produtos cartográficos para pessoas com deficiência visual e baixa visão. Os mapas táteis são considerados os principais produtos da Cartografia Tátil, sendo estas representações gráficas em textura e relevo que servem para localização e orientação de pessoas cegas ou com baixa visão (Lock, 2008).

Desse modo, o uso da Cartografia Tátil possibilita ao estudante caminhos possíveis para aprender os conteúdos curriculares dessa área do conhecimento. Logo, para que os alunos tenham acesso a esse conhecimento é fundamental que a formação inicial de professores fomente e disponibilize esses instrumentos para os futuros professores.

Para que o professor possa compreender a aprendizagem da pessoa cega ou com baixa visão como potente e que eles utilizam as mesmas vias e possibilidades de aprender os conteúdos curriculares, como nos propõe Vigotski (2022), é necessário que o processo formativo docente seja refletido para o ensino a todos os indivíduos. Tendo em vista que, segundo Martins (2015, p. 4), “o produto do trabalho educativo revela-se na promoção da humanização dos homens, na consolidação de condições facilitadoras para que os indivíduos se apropriem do saber historicamente sistematizado pelo gênero humano”.

Nesse processo de aprendizagem dos conceitos geográficos para pessoas com deficiência visual, é possível que se elaborem modos de compensação do desenvolvimento orgânico do indivíduo, possibilitando que as funções psicológicas superiores sejam desenvolvidas. Para a elaboração e estruturação das funções superiores, é fundamental o elemento da mediação, pois é nessa relação que se constrói a possibilidade de aperfeiçoamento das estruturas internas. Em outras palavras, por meio da mediação semiótica, o indivíduo consegue se apropriar do objeto do conhecimento, ou seja, a criança apreende a

realidade/conhecimento a partir de um elo intermediário, o signo (que podemos exemplificar dentro da cartografia através dos mapas táteis), que são promovidos pelas atividades pedagógicas.

Assim, a utilização de materiais e métodos que priorizem o uso de outros sentidos, além da visão, no caso da Cartografia Tátil, viabilizam aos alunos com deficiência visual o acesso aos conteúdos, ao tempo em que possibilita aos alunos videntes a experiência com a integração e a vivência dos colegas.

METODOLOGIA

A oficina intitulada “A cartografia Tátil como metodologia inclusiva no Ensino de Geografia” foi organizada a partir da metodologia de pesquisa-ação, ou seja:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2011, p. 20).

Nessa perspectiva, a oficina foi desenvolvida em uma turma composta majoritariamente por estudantes do 6º período de Pedagogia. Contudo, por se tratar de uma disciplina de extensão, esta é aberta à comunidade externa, tendo duas professoras da educação básica matriculadas, duas estudantes de psicologia de outra instituição, um estudante de administração do campus da UFAL e uma participante da comunidade civil sem vinculação acadêmica. Participaram da oficina 13 (treze) estudantes e destacamos que, dentre estes, havia dois estudantes com baixa visão e uma aluna cega.

Assim, o momento foi dividido em duas etapas: a exploração de materiais táteis e discussão teórica dos conceitos geográficos. No primeiro momento, a turma foi organizada em três grupos, em mesas distintas, onde em cada uma havia um material para ser explorado, sendo eles: mapa tátil do Brasil; mapa tátil das regiões brasileiras e um mapa modulado em quebra-cabeça dos estados brasileiros. Foi realizado um rodízio para que os licenciandos pudessem ter contato com todos os materiais citados. Em uma segunda etapa, ainda com os materiais, os estudantes foram provocados a utilizarem uma venda e deveriam, agora, montar um quebra-cabeça das regiões do país a partir da exploração tátil e, por fim, estes teriam que colar (ainda vendados) esse quebra-cabeça. Ao final da exploração dos materiais táteis, foi realizada uma roda de conversa para que cada estudante relatasse o que sentiu no momento, especialmente, quando estavam vendados.

Na segunda etapa do encontro, realizamos a discussão teórica dos conceitos da Geografia, dando ênfase aos aspectos e categorias centrais da Cartografia Tátil: Cartografia; Escala; Área; Localização e Orientação. Logo, as categorias discutidas foram escolhidas por nós, considerando a possibilidade de fazer os enlaces a partir da experiência vivida com o grupo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A disciplina de “Tiflogia: incursões pedagógicas para o ensino e a aprendizagem de estudantes cegos/os”, possibilitou reflexões fundamentais no processo de formação inicial de professores, especialmente nos conteúdos teóricos, porém não perdendo a dimensão curricular e prática algumas vivências foram necessárias para a apropriação de instrumentos que possibilitasse o ensino a todos os sujeitos dentro de um contexto de aprendizagem.

Dessa maneira, a oficina intitulada “A Cartografia Tátil como metodologia inclusiva no ensino de geografia” possibilitou um estudo teórico e também prático sobre essa área específica da geografia. No que consiste à discussão teórica, debatemos sobre: a definição de Cartografia Tátil; a Cartografia como estratégia de conscientização para alunos videntes e também como instrumento de inclusão; conceitos de escala, área, localização e orientação; e, por fim, refletimos sobre a perspectiva legal da inclusão escolar a partir dos avanços da LBI.

Além das concepções teóricas, a oficina ofertou aos estudantes a exploração com novos materiais relacionados à Cartografia Tátil em três etapas, que foram: mapa tátil do Brasil; mapa tátil das regiões brasileiras e um mapa modulado em quebra-cabeça dos estados brasileiros. Sendo bastante pertinente para refletir sobre os papéis dos materiais propostos pelos docentes, a percepção dos sujeitos com deficiência visual e a necessidade de estratégias eficazes para apreensão do conceito geográfico para a compreensão do conteúdo/matéria.

No momento de exploração dos materiais (mapa tátil do Brasil - figura 1; mapa modulado em quebra-cabeça dos estados brasileiros - figura 2 e mapa tátil das regiões brasileiras - figura 3), a turma foi dividida em três grupos. É importante destacar que realizamos um rodízio para que todos explorassem os materiais diversos. Nessa etapa, os estudantes relataram que os materiais eram interessantes, fazendo também sua audiodescrição para os estudantes com deficiência visual.

Figura 1: Momento de Exploração do Mapa Tátil do Brasil



Fonte: Mariana Silva, 2023.

Figura 2: Momento de Exploração do Mapa Modulado em Quebra-cabeça dos Estados Brasileiros



Fonte: Mariana Silva, 2023.

Figura 3: Momento de Exploração do Mapa Tátil das Regiões do Brasil



Fonte: Mariana Silva, 2023.

No segundo momento, os estudantes utilizaram os mesmos materiais só que, agora, utilizando vendas. Em seguida, distribuímos peças de quebra-cabeça e pedimos que os grupos em conjunto montassem um quebra-cabeça das regiões do país a partir da exploração tátil e, ao final, era necessário colar o quebra-cabeça. Após a exploração, realizamos um momento de escuta com o grupo e todos os estudantes relataram as dificuldades no processo, foi muito relevante a reflexão provocada, pensando nos múltiplos papéis: a dimensão do professor, do

estudante com deficiência e os tipos de materiais mais eficazes para a compreensão do conceito.

É possível, a partir da experiência com os materiais e discussão com os estudantes, percebermos emergir alguns postulados basilares da Psicologia Histórico-cultural, como a importância da mediação no processo de aprendizagem, pois é por meio dela que o indivíduo conseguirá se apropriar dos conceitos e desenvolver as funções psicológicas superiores.

Outro princípio base da concepção vigotskiana que ficou evidente foi o de desenvolvimento cultural, ou seja, é nessa relação com o meio social que o sujeito aprende e, conseqüentemente, se desenvolve. E quando o meio social não possibilita essas aprendizagens, não há desenvolvimento delas (rompendo com as ideias biologicistas que dizem que é necessário a maturação para o aprendizado).

Depois das montagens e enquanto os grupos seguiam concluindo, as vendas foram sendo retiradas e diversos diálogos foram sendo tecidos. Em um dos grupos refletimos sobre como aquela atividade impactou e uma das alunas até relatou a sensação de “angústia”. Além de nos colocarmos numa situação de estarmos sem visão, algumas reflexões foram trazidas pelos estudantes através de alguns questionamentos: será que o material adaptado supre a necessidade do meu estudante? Que tipo de adaptação beneficia a aprendizagem dos alunos com deficiência? Muitas reflexões que nos levaram a perceber como ainda necessitamos avançar nas discussões e em práticas pedagógicas efetivas para todos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cartografia Tátil é uma metodologia inclusiva que vem sendo incorporada ao Ensino de Geografia nos últimos anos, haja vista a necessidade de contemplar os sujeitos com deficiência visual no processo de alfabetização cartográfica, cuja necessidade é essencial, considerando sua aplicabilidade no cotidiano, para orientação e deslocamentos prioritariamente.

Nesse sentido, observou-se que nos processos formativos existem fragilidades, mais precisamente na formação inicial, referentes ao Ensino de Geografia e da Cartografia, principalmente no que se refere à inclusão que pouco se efetiva na prática. Partindo dessa reflexão, foi realizada a oficina, na qual foram discutidos os conceitos de Cartografia, Cartografia Tátil, e Alfabetização Cartográfica, dentre outros, no Ensino de Geografia, bem como a manipulação de mapas táteis, principais produtos da Cartografia Tátil pelos alunos com deficiência visual e baixa visão, assim como pelos alunos videntes. Estes últimos foram

vendados e interagiram com as experiências vivenciadas pelos colegas com deficiência, sendo, portanto, um momento de formação e sensibilização, fator fundamental, em se tratando de educação inclusiva.

Os resultados obtidos a partir da oficina formativa apresentaram relevância na formação de cada sujeito participante, isto pois, eles puderam fazer conexões entre os conteúdos estudados, as experiências vivenciadas com aspectos relacionados ao seu cotidiano e à sua formação acadêmica. Cabe destacar que o raciocínio geográfico, bem como as informações, conceituações possibilitam a tomada de decisão com maior autonomia por parte dos sujeitos.

Contudo, muitos são os desafios encontrados pelos docentes ao lecionar. Esse exercício requer atenção, sensibilidade e formação, para que o professor tome como ponto de partida os saberes cotidianos dos alunos, suas reais necessidades, o raciocínio lógico-espacial. Assim, enfatiza-se que é necessário reconhecer as diferenças presentes no âmbito escolar, e trabalhar a partir delas, não as vendo como um problema, mas como um meio de propiciar práticas pedagógicas inclusivas.

Portanto, este trabalho possui grande importância para a academia, por representar um relato vivenciado na universidade, que denuncia a ausência de formação inicial adequada no que se refere ao Ensino de Geografia, pensando na perspectiva inclusiva. Logo, destaca-se a necessidade da continuação de pesquisas relacionadas à temática exposta, devido à escassez de divulgação desse tipo de estudo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961.** Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em 19.fev.2024.

BRASIL. **Lei no 13.146, de 06 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 01.fev.2024.

CARMO, Waldirene Ribeiro do. Reflexões sobre formação continuada de professores de Geografia em uma perspectiva inclusiva. *In*: SOUSA, Iomara Barros de. JORDÃO, Bárbara Gomes Flaire. **Cartografia Escolar e Formação Continuada de Professores.** Curitiba: CRV, 2019, p. 127-138.

CASTELLAR, S.; VILHENA, J. **Ensino de Geografia.** São Paulo: Cengage Learning, 2010.

GUEDES, Livia Couto. **Barreiras Atitudinais nas Instituições de Ensino Superior: questão de educação e empregabilidade.** 270f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 2007. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/4563/1/arquivo5461_1.pdf. Acesso em: 19.fev.2024.

JOMTIEN – **Declaração Mundial sobre Educação para Todos:** satisfação das necessidades de aprendizagem. Tailândia, 1990.

LEÃO, Gabriel Bertozzi de Oliveira e Sousa; SOFIATO, Cássia Geciauskas. A Educação de Cegos no Brasil do Século XIX: revisitando a história. **Revista Brasileira de Educação Especial.** Bauru, v.25, n.2, p.283-300, Abr.-Jun., 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbee/a/PPPVfR9HFTmgxyDW7MsNwTw/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 02.fev.2024.

LINS, Livia Menezes Neves. ALMEIDA, Jacqueline. Praxedes. A utilização da cartografia tátil na disciplina de geografia como estratégia para a conscientização de alunos videntes sobre educação inclusiva. 199-223. In: ALMEIDA, Jaqueline. Praxedes *et. al.* **Ensinando a geografia na educação básica:** práticas docentes na sala de aula. Maceió: EDUFAL, 2017. 199-223p.

LOCH, Ruth Emilia Nogueira. Cartografia Tátil: mapas para deficientes visuais. **Portal da Cartografia.** Londrina, V. 1, n. 1, maio/ago., p. 35-58, 2008.

MARTINS, Lígia Márcia. **A formação social da personalidade do professor:** um enfoque vigotskiano. - 2ed. - Campinas/SP: Autores Associados, 2015.

SOUZA, Lucas Henrique de; DOURADO, Nathália Pereira; GARCIA, Patricia Helena Mirandola Garcia. Ensino de cartografia na geografia: conteúdo ou linguagem?. **Revista Geografia e Pesquisa,** Ourinhos, v. 13, n. 2, p. 25-32, 2019.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 18 ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. **A construção do pensamento e da linguagem;** tradução Paulo Bezerra - 2 ed. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Obras Completas – Tomo Cinco: **Fundamentos de Defectologia.** Tradução do Programa de Ações Relativas às Pessoas com Necessidades Especiais (PEE). Cascavel, PR:EDUNIOESTE, 2022. 488p. Disponível em: https://www.novoipc.org.br/sysfiles/vigotski_obras_completas.pdf Acesso em: 04.fev.2024.